



TRAJETÓRIA DA CONSTRUÇÃO [SN *LEVAR JEITO* SPREP]
TRAJECTORY OF THE CONSTRUCTION [NP *LEVAR JEITO* PP]

Maria da Conceição de Paiva¹

Allan Costa Stein²

RESUMO

A partir da perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso, focalizamos neste artigo a formação e expansão do esquema construcional [SN *LEVAR JEITO* SPrep], em que o sintagma preposicional pode ser encabeçado pelas preposições *de*, *para* e *com*, no português contemporâneo. Partimos da hipótese de que o esquema mais abstrato [SN *LEVAR JEITO* SPrep] se relaciona à construção de verbo suporte por um elo de instância e, num nível mais alto, à Construção de Movimento Causado. A análise das propriedades de ocorrências representativas de diferentes sincronias do português, atestadas através de busca automática em bases de dados eletrônicas e de busca no motor Google, permitiu depreender evidências para a postulação de cinco microconstruções relacionadas entre si pelo valor modal/avaliativo que veiculam: [SN₁ *LEVAR JEITO DE* SN₂], [SN₁ *LEVAR JEITO DE* S], [SN₁ *LEVAR JEITO PARA* SN₂], [SN₁ *LEVAR JEITO PARA* S] e [SN₁ *LEVAR JEITO COM* SN₂]. Essas microconstruções se distinguem tanto no alvo da modalização (no SN-Sujeito ou no complemento da preposição) quanto no tipo de modalidade que realizam (possibilidade ou capacidade). Considerando a data de atestação das diferentes ocorrências, há indícios de que instâncias da microconstrução [*LEVAR JEITO DE*] tenham propiciado o aumento da esquematicidade e produtividade do esquema [SN *LEVAR JEITO* SPrep] ao longo do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: construção *LEVAR JEITO*; rede; mudança; modalidade.

1 Doutora em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Visitante da Universidade do Minho, Portugal. paiva@club-internet.fr.

2 Mestre em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. allanstein1@gmail.com.



ABSTRACT

From the Usage-Based Construction Grammar perspective, we focus on the formation and expansion of the constructional scheme [NP **LEVAR JEITO** PP], in which the prepositional phrase can be headed by the prepositions *de*, *para* or *com* in contemporary Portuguese. We start from the hypothesis that the most abstract scheme [NP **LEVAR JEITO** PP] is connected with the light verb construction by an instance link and, at a higher level, to the caused-motion construction. The analysis of properties of occurrences of different synchronies of Portuguese, attested through automatic search in electronic databases and Google Search, allowed us to comprehend evidence for the postulation of five micro-constructions related to each other by the modal value they convey: [NP₁ **LEVAR JEITO DE** NP₂], [NP **LEVAR JEITO DE** S], [NP₁ **LEVAR JEITO PARA** NP₂], [NP **LEVAR JEITO PARA** S] and [NP₁ **LEVAR JEITO COM** NP₂]. These micro-constructions are distinguished both in the target of modalization (in the subject NP or in the complement of the preposition) and in the type of modality they perform (possibility or capacity). Considering the date of attestation of the different occurrences, there are indications that instances of the micro-construction [LEVAR JEITO DE] have propitiated the increase of schematicity and productivity of the schema [NP **LEVAR JEITO** PP] over time.

KEYWORDS: LEVAR JEITO construction; network; change, modality.

Introdução

Como já mostraram diversos autores, o verbo de movimento LEVAR participa da composição de um grande número de construções, esquemáticas ou substantivas, com diferentes graus de idiomaticidade (cf. BORBA, 1997, PAZ E SILVA, 2009; SMARSARO; PACHECO, 2014; STEIN et al., 2014, SMARSARO; RODRIGUES, 2015; entre outros). Neste artigo, focalizamos a construção semiesquemática [SN **LEVAR JEITO** SPrep], em que no português contemporâneo, o núcleo do sintagma do sintagma preposicional pode ser encabeçado pelas preposições *de*, *para* e *com*, como nos exemplos a seguir:

- (1) “Não tiro reis nem ponho reis; com quem venho, venho”. Porém, olhai, senhor compadre Quevedo, confesso-vos que esse toledano Garcilaso foi suave e que, para os escuros tempos em que madrugou, acendeu ûa nova luz de que recebesse claridade o vosso idioma; mas, se [se] vai a falar verdade, não a tenho por marca de tantos aqui-del-reis como sobre ele levantaram Francisco Sanchez Brocense em suas notas e Hernando de Herrera em seus comentos. [Quevedo:] *levais jeito de duvidar* a esse mesmo Herrera o cognomento de “divino”, pelo qual é chamado da antiguidade! [Bocalino] Essa demanda lhe ponha Platão, que para mim me basta conhecer que o divino Herrera foi um clerigo muito humano ou muito desumano poeta, em quem se não acha verso algum onde se não descalavre ûa nau da Índia de Portugal ou ûa maona de Florenca, se chocarem com ele. (Sec. XVII – Corpus do Português: FMM:Hospital)
- (2) “Acho que *o Lulu leva jeito para ator*”, revela Cardia, que concedeu entrevista exclusiva ao Estado. (Séc. XX – Corpus do Português: 19N:Br:SP)

- (3) Com o nome artístico de “JG”, o filho de Faustão e da jornalista Luciana Cardoso, participa de matérias e entrevista os colegas, mostrando que, assim como o pai, [ø] *leva jeito com o microfone*. (Séc. XXI - Trecho de reportagem do Jornal Extra, de 14-04-2019)

O esquema exemplificado relaciona duas entidades discretas, remetendo a uma cena na qual o referente do sujeito (SN₁) é avaliado em função da maneira como se relaciona com o conteúdo do SPrep. O nosso objetivo central é descrever o processo de formação e expansão deste esquema, considerando dados de diferentes sincronias do português. Partimos da hipótese de que os enunciados em (1), (2) e (3) constituem instâncias de microconstruções distintas, particularizadas, dentre outros aspectos, pelas restrições sintático-semânticas que cada preposição impõe aos dois participantes da cena e pelo valor modal que expressam. Buscamos, então, evidências acerca de: (i) os contextos de emergência dessas microconstruções e (ii) as mudanças na rede de construções com LEVAR JEITO e sua relação com outras construções mais esquemáticas.

Partindo do pressuposto de que novas construções se originam, isto é, são licenciadas por construções mais esquemáticas, das quais herdam tanto propriedades formais como semânticas, discutimos as relações entre o padrão construcional [SN **LEVAR JEITO** SPrep] e a Construção de Movimento Causado (CMC), concebida como o lócus mais prototípico do verbo *levar*³. Essa hipótese encontra sustentação em pressupostos teóricos dos Modelos Baseados no Uso, em especial o de que as línguas humanas constituem um inventário de construções ligadas por diferentes tipos de *links*. (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2006; DIESSEL, 2015; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013; entre outros).

Para a verificação das hipóteses colocadas acima, são analisados dados de escrita de diferentes sincronias do português, extraídos da base de dados do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006), e também dados obtidos via pesquisa não controlada, através do motor de busca Google. As construções são analisadas em termos das relações que se estabelecem entre o SN₁ e o SPrep, suas propriedades formais (modo de realização e pessoa gramatical do sujeito, tempo verbal de LEVAR, realização ou não do SPrep) e semânticas (animacidade e papel temático do sujeito, papel temático do SPrep, traços aspectuais do estado de coisas codificado e polaridade da oração). Dessa forma, buscamos identificar os diferentes padrões de uso e as mudanças que teriam acometido o esquema construcional com LEVAR JEITO.

O artigo está organizado da seguinte maneira. Na segunda seção, são retomados alguns fundamentos centrais da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), em especial os que se relacionam a processos de mudança. Na terceira, focalizamos a distribuição e as propriedades das construções constituídas com as preposições *de*, *para* e *com*. Na quarta

3 A estrutura argumental da CMC, que parecia a forma [SN₁ V SN₂ SPrep] ao significado ‘X faz Y mover-se para Y’, é inteiramente compatível com o *frame* básico do verbo de movimento LEVAR, como se observa em: *João levou as compras para a sala*.

seção, discutimos as mudanças observadas na rede das construções LEVAR JEITO ao longo do tempo e, na quinta seção, tratamos da relação entre o esquema [SN LEVAR JEITO SPrep] e a Construção de Movimento Causado. Seguem-se as considerações finais.⁴

Uma perspectiva construcional da Gramática

Como já destacado acima, este trabalho se alinha à perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), tal como proposta por Croft (2001), Goldberg (1995; 2006), Langacker (1988), Traugott; Trousdale (2013), dentre outros. O rótulo “Gramática de Construções Baseada no Uso” parece-nos bastante pertinente, pois realça dois pressupostos fundamentais e que são compartilhados por diferentes modelos. Antes de mais nada, destaca-se, nessa perspectiva, a concepção da arquitetura da gramática como um inventário estruturado de *construções* gramaticais e lexicais (cf. LANGACKER, 2000; GOLDBERG, 1995, 2006, 2013; dentre outros). Sendo assim, rejeita-se a tradicional distinção entre *léxico* e *sintaxe*, pois, como demonstram Kemmer; Barlow (2000), uma dicotomia estrita entre esses dois níveis é ineficaz para o tratamento do dinamismo das línguas.

Traugott; Trousdale (2013, p. 14) propõem, com base nos exemplos apresentados na figura 1, que o *constructicon* – isto é, o inventário estruturado de construções do indivíduo/comunidade de fala – é formado por unidades que variam em diferentes dimensões: *tamanho*, *especificidade fonológica* e *tipo de conceito*. Observe:

Size	Atomic <i>red. -s</i>	Complex <i>pull strings, on top of</i>	Intermediate <i>bonfire</i>
Specificity	Substantive <i>dropout, -dom</i>	Schematic N, SAI	Intermediate V-ment
Concept	Contentful <i>red. N</i>	Procedural <i>-s, SAI</i>	Intermediate <i>way-construction</i>

Figura 1: Dimensões das construções

Fonte: Traugott; Trousdale (2013, p. 14) (reproduzido)

De acordo com tal proposta, o objeto de estudo deste artigo, a construção [SN LEVAR JEITO SPrep], pode ser considerada como: (i) complexa, em termos de tamanho; (ii) parcialmente esquemática, se considerarmos que os slots SN e SPrep admitem diferentes formas de preenchimento; e (iii) intermediária, quanto ao tipo de conceito, pois, a despeito de suas propriedades idiossincráticas, a construção apresenta certo grau de produtividade que permite a mobilização de diferentes itens lexicais para a representação de cenas complexas, que envolve a avaliação/atitude do locutor em relação aos estados de coisas descritos.

A proposta é coerente com a abordagem de Langacker (1988, 2000, 2008), que incorpora

⁴ Este trabalho se concentra em resultados preliminares de uma pesquisa de doutorado mais ampla, sobre as construções idiomáticas com o verbo *levar*.

ao componente gramatical “expressões específicas”, ou seja, total ou parcialmente especificadas, cuja existência vai além dos padrões mais gerais que elas instanciam. Trata-se, portanto, de uma concepção não reducionista da gramática, que passa a ser entendida como a organização cognitiva das experiências do falante com a língua, ou seja, com instâncias de uso (cf. BYBEE, 2006).

Como advogam Kemmer; Barlow (2000), o sistema gramatical é baseado, em grande medida, na generalização de enunciados que, tomados em si mesmos, são altamente específicos (cf. também BYBEE, 2010, 2015). Essa generalização é possível a partir da ação e interação de processos cognitivos mais gerais, tais como categorização, *chunking*, analogia, associação transmodal e memória enriquecida, que podem capturar e explicar tanto as idiosincrasias quanto os padrões regulares observados no uso das línguas (cf., p. e., BYBEE, 2003; 2010; 2015).

Afirmar a existência de um inventário estruturado significa dizer que as construções de uma língua se relacionam por similaridades formais e semânticas, compondo redes hierárquicas, de diferentes níveis de esquematicidade, o que permite capturar regularidades compartilhadas por grupos de construções e, ao mesmo tempo, sub-regularidades e idiosincrasias, que também fazem parte do conhecimento linguístico do falante. Além dessa relação taxonômica, as construções podem se relacionar umas às outras por outros tipos de *links*, como proposto por Goldberg (1995, 2006): (i) *polissemia*, (ii) *extensão metafórica*, (iii) *instância* e (iv) *subparte*, brevemente retomados a seguir.

Links de polissemia relacionam o significado básico de uma construção às suas possíveis extensões. Um exemplo citado pela autora (1995, p. 76) é a CMC, que possui uma representação mais prototípica (“X faz Y mover-se para Z”), à qual se associam representações derivadas e bastante diversificadas. O tipo de representação instaurado depende da natureza dos verbos envolvidos: verbos do tipo LEVAR instanciam ocorrências mais centrais, em que o referente do sujeito age diretamente sobre a entidade transportada, modificando sua localização no espaço; por outro lado, verbos do tipo ACOMPANHAR (cf. *Ele acompanhou a esposa até o hospital*) fariam parte de um subesquema mais periférico (algo como ‘X ajuda Y mover-se para Z’), onde a contribuição efetiva do sujeito para a realização do estado de coisas é bastante reduzida.

Links de extensão metafórica vinculam construções distintas através de um mapeamento metafórico. Na seção 5, vamos exemplificar este tipo de elo, demonstrando como a construção de verbo-suporte com *levar* [SN_1 LEVAR- SN_2 (SPrep)] pode se relacionar com a CMC.

Links de instância vinculam uma construção X, mais geral, a uma construção Z, que é mais específica e resulta da convencionalização de determinada instância de X. A princípio inteiramente especificada, a nova construção pode se expandir com o passar do tempo, culminando no surgimento de uma unidade mais esquemática. Sendo assim, o *chunk* [LEVAR JEITO], aqui considerado como um nó independente na rede, estaria vinculado, via *link* de instância, à construção de verbo-suporte com *levar* (cf. seção 4).

Links de subparte conectam uma construção independente a uma construção mais geral – e com maior número de *slots* – que lhe serviu de base. Dentre os diversos usos de LEVAR, o *chunk* [LEVAR NA CARA]('apanhar') poderia ser considerado uma subparte da construção de verbo-suporte [SN₁LEVAR-SN₂ (SPrep)], uma vez que, naquela unidade, o objeto integrado ao verbo não é realizado e o significado, mais restrito, é inteiramente não composicional, como em: *Os meninos não saíram mais de casa depois do assalto, com medo de levar na cara.*

Além das relações verticais, taxonômicas, Diessel (2015) propõe que **links horizontais**, que vinculam construções morfológicas ou sintáticas situadas no mesmo nível de abstração/esquematicidade, têm de ser considerados, pois envolvem ligações entre propriedades fonéticas e/ou semânticas de expressões lexicais. O autor propõe, ainda, a existência de **links sintáticos**, que dão conta das relações entre construções e categorias sintáticas, e entre partes das construções; e **links lexicais**, relativos à associação entre construções (esquemáticas) e expressões lexicais.

Esta perspectiva, que toma a construção como a unidade central da gramática, tem encontrado aplicação significativa nos estudos diacrônicos, principalmente de mudanças de longo termo. Como mostram diversos trabalhos, o conceito de construção permite dar conta, de forma mais integrada, da criação tanto de novas unidades lexicais como gramaticais (cf. HOFFMAN; TROUSDALE, 2011; HILPERT, 2018) e das mudanças semânticas e formais que podem dar origem a novas construções. Na perspectiva de Barðdal; Gildea (2015), o objetivo central de uma *Gramática de Construções Diacrônica* é explicar como novas construções emergem, mudam ou desaparecem ao longo do tempo, e a forma como mudam também os elos entre diferentes construções de uma rede. Para Hilpert (2018), por exemplo, novas conexões podem surgir, ser enfraquecidas ou fortalecidas, ou até mesmo desaparecer.

De forma geral, os autores assumem o pressuposto de que os falantes de uma língua se baseiam em construções/padrões pré-existentes para produzir novas estruturas (cf. BYBEE, 2010, 2015). Para Traugott; Trousdale (2013), é necessário distinguir entre a emergência de novas construções, ou *construcionalização*, que resulta na criação de um novo nó numa rede; e *mudanças construcionais*. A construcionalização requer mudanças *tanto* na forma *quanto* no significado de uma construção pré-existente, através de um processo de neoanálise que culmina num novo pareamento forma-significado. Distingue-se de mudanças (pré-/pós-) construcionais, que operam sobre o polo da forma ou do significado de uma construção.

A emergência e expansão de novas construções, sejam procedurais ou lexicais, resultam da atuação conjunta de três parâmetros, todos eles gradientes: composicionalidade, esquematicidade e produtividade (TRAUGOTT, 2012; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; TRAUGOTT, 2015). Inicialmente restrita a contextos mais específicos, uma nova construção pode, ao longo do tempo, se expandir e aumentar em produtividade, vindo a licenciar novas microconstruções (*types*).

A distinção entre construcionalização e mudanças construcionais não é consensual,

podendo ser discutida sob diversos pontos de vista. Para Hilpert (2018), por exemplo, outras distinções podem ser mais eficazes para explicar as diversas mudanças que ocorrem na rede construcional de uma língua, ao longo do tempo. O autor sugere que, se a rede possui nós e conexões entre nós, uma separação entre dois tipos de mudanças construcionais – *mudanças de nó* e *mudanças de conectividade* – pode ser mais promissora.

Um aspecto a se destacar é que limitações inerentes ao estudo diacrônico, e às evidências que dele podem ser obtidas, dificultam uma análise mais precisa de um processo de construcionalização. Como destaca Hilpert (2018), o estudo da mudança a longo prazo é limitado pelos próprios dados, muitas vezes esparsos e nem sempre em número suficiente, como mostraremos na seção seguinte para a construção em foco. Além disso, tal estudo é influenciado pelo pouco conhecimento que podemos ter do contexto sociolinguístico e pragmático de diferentes usos linguísticos em períodos anteriores de uma língua, o que dificulta o acesso a inferências subjacentes à neonálise de um pareamento forma-função.

Um outro ponto a ressaltar diz respeito ao enviesamento possível dos dados diacrônicos, em razão da variação inerente às línguas (cf. LABOV, 1994). Se construcionalização requer convencionalização, em que medida é possível afirmar, com segurança, que formas atestadas em textos específicos, mesmo que com alta frequência, refletem mudança e não apenas uma inovação mais restrita a variantes geográficas ou sociais? Além disso, é possível que fenômenos linguísticos variáveis potencialmente interessantes não sejam suficientemente registrados, devido às próprias vicissitudes da língua escrita, ou que uma variação linguística interessante possa ser considerada apenas como um ruído no registro escrito (cf. GREGERSEN, 2018). Esses, dentre outros aspectos, permitem se questionar acerca do *quanto* de propagação é necessário para que uma inovação seja considerada mudança. Como é de se esperar, essas ressalvas impõem cautela na interpretação e análise dos dados, desenvolvidas nas seções seguintes.

As construções com LEVAR JEITO

Um levantamento na base de dados do *Corpus do Português*, que recobre o período compreendido entre os séculos XIV e XX, permitiu atestar um total de apenas 14 *tokens* do esquema [SN LEVAR JEITO SPrep], assim distribuídos: 5 instâncias de *LEVAR JEITO DE*, no século XVII e 1 única instância no século XIX, e 8 ocorrências de *LEVAR JEITO PARA* no século XX⁵.

Antes de mais nada, a ausência de dados da sequência LEVAR JEITO DE nos textos do século XX não pode ser tomada como um testemunho do desaparecimento desta microconstrução. Um levantamento menos controlado, através do motor de busca Google, permite atestar exemplos como:

⁵ Surpreendentemente, foi atestada apenas 1 ocorrência da construção com *levar jeito* nas entrevistas sociolinguísticas do Projeto Censo 1980 (PEUL/UFRJ).

- (4) Às vezes *pesquisas acadêmicas têm jeito de livro de mistério* (Séc. XX – miradaglobal.com)
- (5) Era também um Land Rover Defender 110 e, quando lotado até a boca, pesava quase 3 toneladas. Partes e acessórios foram sendo adicionados a ele durante a viagem, e nós não só achávamos que *ele tinha jeito de Baloo*, como também era o veículo mais bem equipado que jamais poderíamos almejar. (Séc. XX – challengingyourdreams.com)

Apesar da escassez de instâncias do padrão [SN₁ LEVAR JEITO DE SN₂/S], é possível encontrar algumas evidências acerca do seu surgimento e da expansão da rede em que ele se insere, sem recorrer, para tanto, a explicações *ad hoc*. Senão vejamos.

Como mostram os exemplos a seguir, já no século XVII, podem ser atestadas ocorrências de [SN₁ LEVAR JEITO DE SN₂/S] com sujeitos animados ou não animados e com complementos nominais ou oracionais:

- (6) De parabens, a um noivo. Dizem-me, senhor, que vos fostes para o céu, vestido e calçado. Quem podia esperar menos de vossa virtude? Se lá sois, não estranheis que vos sigam as minhas rogativas. Todavia as calei estes dias, por não misturar com prazeres queixumes. Agora me diga Vossa Senhoria se *leva isto algum jeito de carta de parabens?* Oh! valha-me Deus! e como não querereis (quanto é hoje) medir-vos com a minha grande discrição? Eis aqui o que sou. (Séc. XVII – Corpus de Português, 16:FMMelo:Portel)
- (7) [Quevedo:] Não me direis quem seja [Autor] Não posso, porque os segredos não são de quem os recebe, senão de quem os confia. [Bocalino] Estas são outras mil e quinhentas, e poucas menos as obras deste nosso camarada, *que leva jeito de querer apostar, com Teofrasto, a quem desperdiça mais papel.* {105} [Quevedo:] Aqui está El Mayor Pequeño. [Bocalino] Não nos há-de escapar pelo devoto. (Séc. XVII – Corpus de Português, 16:FMMelo:Apolo).

Em (6) e (7), a sequência LEVAR JEITO DE, juntamente com o sujeito e o complemento nominal ou oracional da preposição, cria uma cena atributiva em que o conteúdo codificado no predicado é concebido pelo locutor como uma propriedade que pode ser atribuída ao referente do sujeito (no caso, a carta enviada ao noivo). Neste contexto, LEVAR JEITO DE equivale, grosso modo, a “parecer-se com”. Assim, em (6), o autor questiona o fato de o texto não apresentar as propriedades normalmente associadas a uma carta de felicitação, embora não deixe claras essas propriedades. Já em (7), o referente “camarada” é apresentado como alguém que aparenta ter o desejo de competir com Teofrasto no desperdício de papel.

Estabelecer uma relação de similaridade entre duas entidades do mundo biopsicossocial parece ter sido, portanto, uma das primeiras funções desempenhadas pela construção com LEVAR JEITO DE. Neste uso, a preposição introduz um SN com papel temático de Fonte e, assim, o sujeito (Alvo) codifica um referente que é avaliado pelo locutor, a partir da representação

daquele participante. Nesta configuração sintático-semântica, a construção se aproxima de uma construção relacional (cf. HALLIDAY, 2004), ou do que Perini (2010) denomina *construção estativa atributiva*, caso em que o segundo participante (Y) codifica uma propriedade de X. Distingue-se, no entanto, de uma cena atributiva prototípica, na medida em que a relação entre X e Y é decorrente de uma avaliação do locutor acerca de X, o participante no papel sintático de sujeito. Não se pode, portanto, afirmar que X possua efetivamente o atributo Y, visto que o estado de coisas é apresentado como uma possibilidade.

Ainda no século XVII, são atestados enunciados nos quais a sequência LEVAR JEITO DE indica que o referente do sujeito aparenta reunir as propriedades necessárias para desencadear um estado de coisas (cf. 8), ou que dadas condições externas podem dar origem a uma nova situação (cf. 9):

(8) Apolo - Certo que se não pode ser deus de pedra por quanto há no mundo, se já não é força que sejam de pedra todos os que se querem fazer deuses; porque como pudera eu agora sofrer - a não ser insensível - os injuriosos discursos destas duas fontes *que levam jeito de me fazerem hoje aqui meu cadafalso?*⁶ (Séc. XVII – Corpus do Português: 16:FMMelo:Letters)

(9) Sirva-se Vossa Mercê de me mandar uma manta de lenha; que, com esta incerteza, estou desavisadíssimo para o inverno. E segundo isto vai, *lev o jeito de lhe queimar aqui todo o pinhal⁷ a Vossa Mercê*, cuja pessoa guarde Nosso Senhor como desejo. (Séc. XVII – Corpus do Português: 16:FMMelo:Letters)

Enunciados como (8) e (9) se particularizam tanto do ponto de vista semântico quanto formal. Ilustram igualmente usos ligados ao domínio da modalidade, no caso epistêmica. Em (8), o locutor considera que “os injuriosos discursos” de duas pessoas (“duas fontes”) podem provocar sua ruína. De forma semelhante, em (9), a ocorrência da ação de “queimar todo o pinhal” é considerada pelo falante como um fato possível, se o lote de lenha solicitado ao destinatário não for enviado a tempo.

Em (8) e (9), o escopo de LEVAR JEITO se estende sobre a oração complemento da preposição DE, apresentando o estado de coisas como uma possibilidade que pode ser realizada/desencadeada pelo referente do sujeito, sinalizando baixo comprometimento do locutor com o estado de coisas codificado. Situando-se no domínio da contingência, tal uso aproxima-se, sob certos aspectos, da relação causa-consequência. Nos dois exemplos, o sujeito de LEVAR JEITO possui o papel temático de Fonte, ou seja, representa o ponto de partida de uma dada situação.

6 O significado de *cadafalso* que mais se adéqua a esta ocorrência é o seguinte: ‘condenação à morte, execução [sentido figurado]; [por extensão] **destruição**’. (Fonte: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Objetiva, ed. 2001)

7 *Pinhal*: ‘extenso aglomerado de pinheiros em determinada área.’ (Fonte: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Objetiva, ed. 2001).

Os dois usos de LEVAR JEITO DE até então apresentados (“X possui o atributo Y” e “X pode realizar/desencadear Y”) se aproximam em algumas das suas características formais: ambos apresentam predomínio de forma verbal no presente do indicativo e, preferencialmente, na terceira pessoa do singular. Embora possam ocorrer tanto com a primeira quanto com a terceira pessoa do singular, tendem a predominar nesta última.

Em princípio, exemplos como (6) a (9) indicariam que a construção com LEVAR JEITO DE, já no século XVII, podia codificar significados mais subjetivos, relacionados ao domínio da modalidade epistêmica (possibilidade). No entanto, dadas as especificidades de forma e de significado (LEVAR JEITO DE seguido de sintagma nominal ou de uma oração), podemos postular a existência, pelo menos no século XVII, de duas construções distintas, ou seja, dois pareamentos de forma e significado, relacionados entre si por um *link* horizontal, como discutiremos com mais detalhes na seção 4.

Cada uma destas construções pode ser instanciada por construtos com diferentes graus de prototipicidade. Assim, [SN LEVAR JEITO DE S] licencia tanto instâncias mais representativas, com sujeito que contribui efetivamente para o desenvolvimento da cena (cf. exemplos (8) e (9), quanto instâncias mais marginais, como (10) abaixo, onde o papel do sujeito é ainda mais fortemente reduzido, pela intervenção de uma condição externa:

- (10) Rev.ma, lá de quando em quando, aturavam o esturro no arroz, sal a mais na sopa, pimenta de menos no guisado, ou outra coisa assim, lá isso. - Valha-te não sei que diga. A vida é para ti, homem, que, com oitenta, estás fero e robusto, e *levas jeito de assistir ao nascimento do século vinte*. (Séc. XIX – Corpus do Português: 18:Dinis: Pupilas)

O valor modal no exemplo (10) se distingue dos anteriores, na medida em que a possibilidade de “assistir ao nascimento do século vinte”, um processo do tipo mental (HALLIDAY, 2004), é concebida como consequência de um estilo de vida saudável, e não como resultado de um ato de vontade do agente ou pela ação de uma fonte desencadeadora.

Embora instâncias dessas duas construções sejam pouco produtivas ao longo do tempo, há indicações de que um padrão mais esquemático – [SN₁ LEVAR JEITO Sprep] – é reforçado pela possibilidade das preposições *para* e *com* como núcleo do sintagma preposicional, possibilidades atestadas apenas a partir do séc. XX.

As primeiras ocorrências com *levar jeito para* mostram que, também nesse subesquema, a preposição pode reger um complemento nominal, como no já citado exemplo (1) e no exemplo (11) abaixo, ou um complemento oracional, como no exemplo 12.

- (11) *Eu não levava jeito para música, escultura, flashmob, teatrinho infantil mambembe, nada*. (Séc. XX – Corpus do Português, Entrevista)

- (12) Além da fiação do sol estufando o mormaço, do balanço do cavalo acusado numa dorzinha de lado, da acuação dos cachorros nos terreiros da beira dos caminhos, tudo isso relepadas costumeiras ainda de sobra, foi aquele acabamento. *O seu cavalo Sulipa*, desenvolvedorzinho, tão manso que sequer liga pra taca, *nem leva jeito para se espevitir em árdego passarinho*, tanto esquipava distraído do mundo, de beizola balançando, e entregue ao próprio sacolejo que, sem atentar nas ladradas e rosnados, nos dentes arreganhados de um vira-lata, levou uma mordida no rejeito. Só aí o desatento pulou de dentro da pachorra e espantou-se. (Séc. XX – Corpus do Português: 19:Fic:Br:Dantas:Cartilha)

O emprego da preposição *para* como núcleo do SPrep altera significativamente a configuração semântica do estado de coisas, mas permite a codificação de uma cena semelhante à de certos usos de *levar jeito de*. Em (11), a avaliação parte do próprio sujeito (EU), que admite que não tinha aptidões para exercer atividades artísticas (música, teatro, etc.). No exemplo (12), por sua vez, nega-se que o cavalo tenha habilidade para “espevitir”. Em ambos os casos, são colocadas em foco aptidões/habilidades da entidade denotada pelo sujeito, ou uma ação que ele pode realizar. Isso resulta numa configuração semântica em que o papel temático do sujeito é o de Experienciador, ao passo que o SPrep é concebido semanticamente como Estímulo (cf. RAPOSO, 2013, p. 378-379).

De forma semelhante à construção LEVAR JEITO DE, predominam, na construção LEVAR JEITO PARA, sujeitos de 3.^a pessoa do singular (62,5% dos casos), indicando que o esquema é mais tipicamente convocado para qualificar entidades que não participam diretamente do ato comunicativo. No entanto, devido à natureza do significado construcional, a posição do sujeito é preenchida unicamente por referentes humanos.

Pode-se observar, ainda, baixa analisabilidade nas ocorrências de [SN₁ LEVAR JEITO PARA SN₂/S], visto que a variabilidade das propriedades modo-temporais de LEVAR é bastante limitada, com valor idêntico para o presente universal⁸ ou para o pretérito imperfeito do indicativo (50%), o que reforça o caráter não pontual e imperfectivo da situação representada. Além disso, em 65% dos casos, a construção com *para* ocorre em orações de polaridade afirmativa, sinalizando que ela é mais utilizada para atestar uma dada característica do referente do sujeito do que para negá-la.

Apesar de suas similaridades formais e semânticas, as construções com as preposições *de* e *para* se distinguem quanto à forma como é apresentada a relação entre X e Y: as instâncias de LEVAR JEITO DE situam o foco num atributo que pode ser atribuído a X, mas que lhe é externo; nas instâncias de LEVAR JEITO PARA, por outro lado, o foco se situa no sujeito da

8 De acordo com Vilela; Koch (2001, p. 168), o *presente universal* (ou *gnômico*) é destituído de temporalidade e não sofre intervenção de qualquer outro elemento de ordenação temporal. Daí a inaceitabilidade de uma sequência como **O João leva jeito para ser professor este ano*, em que a informação codificada pelo adjunto adverbial é incompatível com o significado da construção mais abrangente.

relação, na medida em que se considera uma habilidade/capacidade que lhe é inerente.

Algumas das propriedades identificadas para LEVAR JEITO DE e LEVAR JEITO PARA são compartilhadas também pela construção [SN₁ LEVAR JEITO COM SN₂], atestada apenas no século XXI e, ao que tudo indica, mais limitada a complementos nominais, como mostram os exemplos (13) e (14)⁹:

(13) Grávida, *Sabrina Sato* mostra que *leva jeito com criança* em festa (Séc. XXI – Portal R7.com, de 21-07-2018)

(14) A Comunicação quis saber dos 14 participantes do reality *quem leva jeito com a dança*, e nesta edição, a apresentadora Xuxa vai dividir o palco com o namorado Junno Andrade. (Séc. XXI – Portal R7.com, de 26-08-2018)

A construção com a preposição *com* relaciona igualmente duas entidades discretas e se conforma à restrição semântica de sujeitos animados e humanos. Assim como nas duas outras construções consideradas, *LEVAR* apresenta-se principalmente no presente do indicativo e na 3^a. pessoa do singular. Contudo, diferentemente de LEVAR JEITO DE e LEVAR JEITO PARA, o núcleo do SN₂, encaixado na preposição *com*, é constituído mais frequentemente por nomes genéricos, que codificam agrupamentos de indivíduos (animais ou humanos), como “criança” em (13), ou o resultado concreto de uma atividade, como “dança” no exemplo (14). Em todos os casos, colocam-se em destaque as habilidades do referente do sujeito, a partir de uma avaliação do locutor.

Na seção seguinte, postulamos que as microconstruções LEVAR JEITO DE, LEVAR JEITO PARA e LEVAR JEITO COM, brevemente caracterizadas até este ponto, se ligam a um padrão mais esquemático, e destacamos as alterações na rede em que elas se inserem.

A rede de [SN₁ LEVAR JEITO SPrep]

Os aspectos destacados na seção anterior fornecem evidências para a hipótese de que os diferentes usos de LEVAR JEITO DE, LEVAR JEITO PARA e LEVAR JEITO COM correspondem a padrões construcionais distintos, quais sejam:

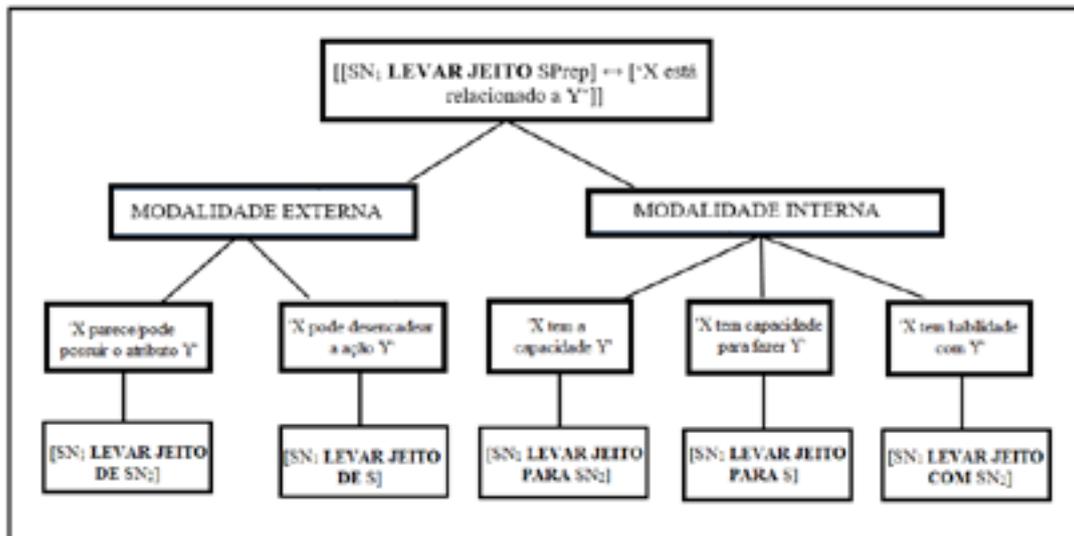
- [[SN₁ LEVAR JEITO DESN₂] ↔ [‘X parece/pode possuir o atributo Y’]]
- [[SN₁ LEVAR JEITO DES] ↔ [‘X pode desencadear a ação Y’]]
- [[SN₁ LEVAR JEITO PARASN₂] ↔ [‘X tem a capacidade Y’]]
- [[SN₁ LEVAR JEITO PARA S] ↔ [‘X tem capacidade para fazer Y’]]
- [[SN₁ LEVAR JEITO COM SN₂] ↔ [‘X tem habilidade com Y’]]

Esses padrões se ligam a uma construção mais esquemática: [[SN LEVAR JEITO SPrep]

⁹ A construção [LEVAR JEITO COM] foi identificada apenas por meio de pesquisa no motor Google, não havendo, portanto, qualquer ocorrência desta unidade nos demais *corpora* por nós analisados.

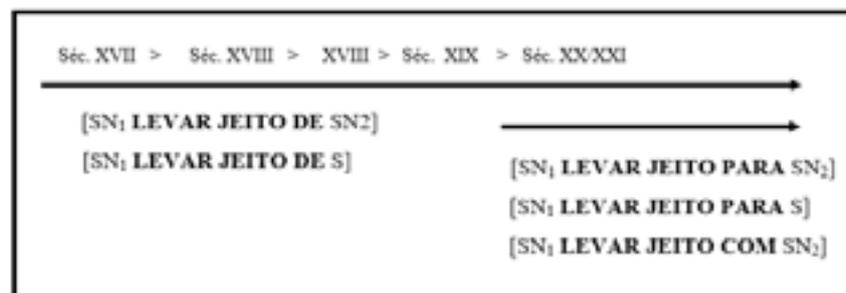
↔ [X está relacionado a Y]]. De acordo com a proposta de Traugott; Trousdale (2013), os cinco padrões poderiam ser considerados microconstruções distintas, conforme mostra a figura 2:

Figura 2: Rede construcional do Esquema [SN LEVAR JEITO SPrep]



Ainda que as evidências não possam ser tomadas como conclusivas, há indicações de que o esquema [SN₁ LEVAR JEITO SPrep] aumentou sua produtividade ao longo do tempo. Partindo das instâncias com LEVAR JEITO DE, o esquema abstraído se expandiu, sancionando as microconstruções com as preposições *para* e *com*. Considerando a linha do tempo, a seguinte trajetória é plausível:

Figura 3: Trajetória de expansão do Esquema [SN LEVAR JEITO SPrep]



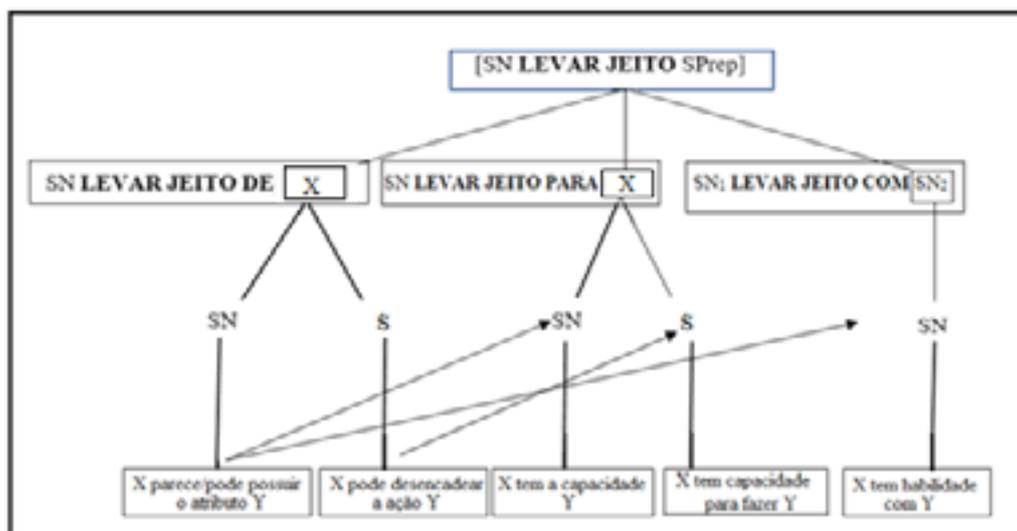
No entanto, esta disposição diacrônica só pode ser entendida, se considerarmos os aspectos semânticos dessas construções, em especial as nuances modais que veiculam. De acordo com a perspectiva de Hengeveld (2004), podemos dizer que elas se distinguem tanto em relação ao alvo (orientada para o participante ou para o evento) quanto em relação ao domínio semântico (modalidade facultativa, seja intrínseca ou adquirida, volitiva ou epistêmica), o que resulta em diferentes graus de subjetividade.

Além disso, há diferenças importantes na forma como se estabelece a relação entre X e Y nas estruturas relacionais com LEVAR JEITO, ou seja, quanto ao constituinte focalizado. Na microconstrução com LEVAR JEITO DE, o referente do sujeito é avaliado em função da

propriedade descrita no SPrep. Podemos dizer, então, que o foco está na propriedade atribuída, de modo que se tem uma estrutura semântico-discursiva próxima de um estado de coisas relacional atributivo. Nas microconstruções com LEVAR JEITO PARA e LEVAR JEITO COM, o foco incide sobre o referente do sujeito, embora de forma um pouco distinta: na primeira, a propriedade é intrínseca ao referente de SN₁; na segunda, a propriedade/habilidade atribuída ao sujeito é adquirida, e parece ter caráter mais acessório.

Considerando essas diferenças, a relação entre as construções poderia ser esquematizada como na figura 4:

Figura 4: Relação entre as microconstruções ligadas ao esquema [SN LEVAR JEITO SPrep]



De acordo com a figura 4, [SN₁LEVAR JEITO PARA SN₂/S] e [SN₁LEVAR JEITO COM SN₂] seriam sancionadas pelo padrão mais geral, aumentando sua esquematicidade e acarretando alterações significativas na rede das construções com LEVAR JEITO. No entanto, mais do que o aumento no número de nós na rede, pode-se observar também uma certa especialização semântica da sequência [SN LEVAR JEITO SPrep], na expressão de modalidade interna.

5. Relação de herança entre [SN LEVAR JEITO SPrep] e a CMC

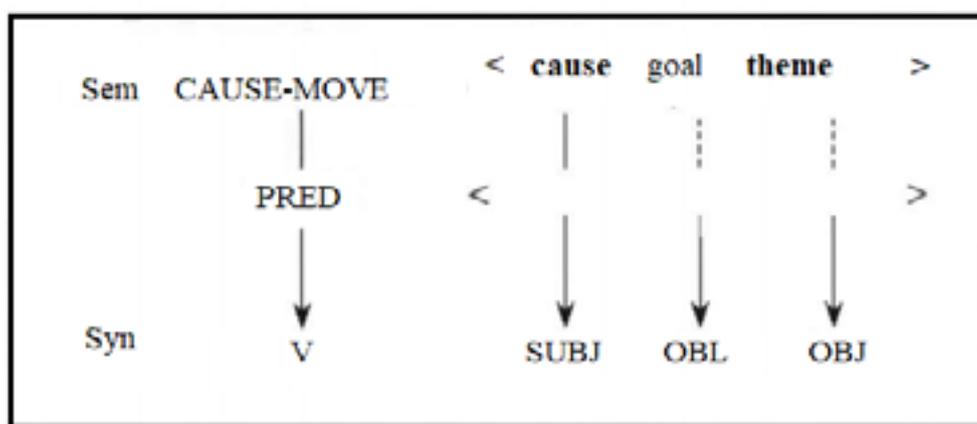
Uma hipótese de partida deste estudo é a de que a construção [SNLEVAR JEITO SPrep] mantém relações de herança com construções mais esquemáticas do português. Nesta seção, mostramos evidências para essa hipótese, considerando que o padrão construcional em foco se liga à CMC, exemplificada em (15) abaixo, por intermédio da construção de verbo-suporte [SN₁LEVAR-SN₂ (SPrep)] (cf. (16)), com a qual mantém elo de instância:

- (15) Havia recebido uma proposta para *levar cinco quilos de cocaína para dentro da cadeia*, a título de pagamento para três presos arregimentados com a finalidade de matar o bicheiro que tínhamos atendido no pavilhão Dois. Em troca lhe dariam uma BMW no valor de 80 mil dólares. (Século XXI –Carcerários, 2012)

(16) Saiba o que precisa *fazer quando levar um fora grosseiro de uma mulher*
(www.santopapo.com.br, Freijeicao)

O exemplo (15) corresponde ao emprego mais prototípico do verbo *levar*: um SN-sujeito animado e humano (Agente) associa-se a um SN-objeto não animado e concreto (Tema) (“cinco quilos de cocaína”) e a um SPrep-obliquo indicativo de lugar (Meta ou Alvo) (“para dentro da cadeia”). O referente do objeto, de natureza concreta e não animada, só muda de lugar graças à ação de um agente controlador do estado de coisas, e o complemento obliquo aponta para um local de referência definida, especificado como o ponto final do evento, resultando na cena ‘X MOVE Y PARA Z’. A figura a seguir, reproduzida de Goldberg (1995, p. 161), apresenta a configuração sintático-semântica da CMC:

Figura 5: Construção de Movimento Causado



Fonte: Reproduzida de Goldberg (1995, p. 161)

De forma um pouco diferente, no exemplo (16), a atribuição de caso gramatical e papel temático ao sujeito não pode ser atribuída apenas à forma verbal, que, no caso, é, em grande parte, detematizada. É o conglomerado verbo-objeto que permite que o sujeito assumo o papel de Paciente ou Alvo, e o SPrep desempenhe o papel de Agente.

Em razão das suas particularidades, a construção de verbo-suporte pode colocar problemas particulares tanto no que se refere à correspondência entre papéis temáticos e papéis sintáticos quanto no que diz respeito ao grau de composicionalidade da sequência V SN. Na perspectiva de Goldberg (2003), tais estruturas são estocadas como unidades, constituindo, portanto, construções substantivas, cada uma com um significado independente. No entanto, Family (2006, 2008) considera que determinados grupos de verbos leves podem ser representados como subesquemas (subconstruções, nos termos do autor) de outras construções com as quais mantêm relação de herança. Esta posição nos permitiria integrar de forma mais adequada a construção com LEVAR JEITO.

Como ponto de partida, podemos admitir uma ligação metafórica entre a construção de verbo-suporte com LEVAR e a CMC. Esta relação parece estar baseada na inferência de que, mais prototipicamente, quem desloca uma entidade concreta para algum lugar, o faz na medida em que,

num ponto inicial do estado de coisas, toma essa entidade para junto de si mesmo. Ou seja, o uso de LEVAR na CMC baseia-se na compreensão dos falantes de que, num certo sentido, é o elemento transportado que “se anexa” ao referente do sujeito para compor a cena, e não o contrário.

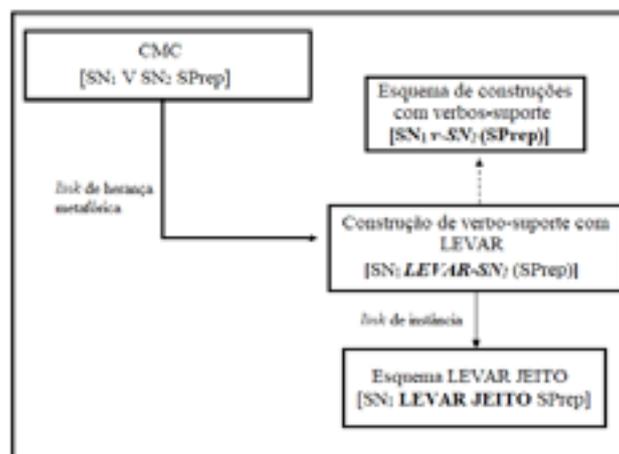
Esta inferência poderia ter sido cooptada para a construção de verbo-suporte com LEVAR, em que o sujeito normalmente representa o *alvo* para o qual um dado “estado de coisas” converge. O resultado deste “movimento fictício” pode variar bastante, a depender da natureza do SN que segue o verbo: em *levar um esporro*, descreve-se uma situação cujo impacto é fundamentalmente psicológico, ao passo que a expressão *levar uma facada* remete a uma cena com consequências físicas imediatas. Em ambos os casos, o foco está prioritariamente no SN sujeito.

É evidente que o contexto extralinguístico exerce um papel fundamental neste processo. O surgimento da construção de verbo-suporte com LEVAR revela a incorporação de aspectos da forma-fonte anteriormente disponíveis apenas no domínio pragmático, o que reforça o postulado de que *semântica* e *pragmática* não constituem domínios distintos (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2002).

Podemos pressupor que tanto o padrão [SN₁ LEVAR-SN₂ (SPrep)] quanto o padrão [SN LEVAR JEITO SPrep] herdam propriedades de um esquema mais geral da construção de verbo suporte, qual seja: [(SN₁) V-SN₂ (SPrep)]. Este esquema está associado a diferentes possibilidades de predicções complexas, podendo licenciar também construções mais específicas, tais como: *tomar coragem*, *dar um fora* e *fazer uma participação*.

As relações entre a CMC, a construção de verbo-suporte e a construção LEVAR JEITO poderiam ser esquematizadas como na figura 6:

Figura 6: Relação entre a CMC e a construção [LEVAR JEITO]



A figura 6 assume que o esquema LEVAR JEITO se liga, por elo de instância, à construção [SN₁ LEVAR-SN₂ (SPrep)], que, por sua vez, se associa à CMC por *link* de herança metafórica. A seta pontilhada indica que, uma vez estabelecida na língua, a construção [SN₁ LEVAR-SN₂ (SPrep)], assim como o padrão que ela domina, passou a integrar o esquema

mais geral das construções de verbo-suporte.

Dentre as propriedades herdadas da construção CMC, está a predominância de sujeitos animados na grande maioria das instâncias das microconstruções com LEVAR JEITO. Trata-se, no entanto, de uma herança parcial, se considerarmos a mudança no papel temático atribuído ao SN- sujeito e ao SPrep. Como vimos na seção 3, mais frequentemente o sujeito das construções com LEVAR JEITO possui o papel temático de fonte ou alvo, se afastando das especificações mais prototípicas da CMC, que requerem, mais frequentemente, um sujeito agentivo. O SPrep, por sua vez, deixa de ser um alvo ou meta, recebendo os papéis de fonte ou estímulo.

Para (não) concluir

Partindo de princípios teóricos da GCBU, apresentamos, ao longo deste estudo, algumas evidências acerca da expansão da construção semiesquemática [[SN LEVAR JEITO SPrep] ↔ ['X tem alguma relação com Y']], em que a relação entre X e Y é estabelecida a partir do ponto de vista do locutor, não sendo, portanto, necessariamente inerente ao referente do sujeito. Do ponto de vista semântico, as construções com LEVAR JEITO desempenham uma função modal, que atua principalmente sobre o sujeito, avaliando sua possibilidade de *ser*, *realizar* ou *desencadear* uma atividade ou um evento.

Através de uma análise de ocorrências atestadas na base *Corpus do Português* e numa pesquisa através do motor de busca Google, propusemos que instâncias da construção [SN₁ LEVAR JEITO DE SN₂/S], já atestadas no século XVII, criaram as condições necessárias para a generalização de um esquema mais abstrato com LEVAR JEITO, que se expandiu, licenciando as microconstruções com as preposições *para* e *com*, aumentando a esquematicidade do padrão construcional [SN₁ LEVAR JEITO DE SN₂].

A análise permitiu identificar particularidades semânticas e morfossintáticas que nos conduziram à postulação de cinco microconstruções: [SN₁ LEVAR JEITO DE SN₂], [SN₁ LEVAR JEITO DE S], [SN₁ LEVAR JEITO PARA SN₂], [SN₁ LEVAR JEITO PARA S] e [SN₁ LEVAR JEITO COM SN₂]. Todas elas são sancionadas pelo esquema mais geral [SN LEVAR JEITO SPrep]. Considerando as particularidades semânticas de cada uma das microconstruções, há indicações de que as mudanças observadas ao longo do tempo não se limitam à criação de novos nós na rede, envolvendo também uma especialização das construções com LEVAR JEITO na codificação de modalidade interna, ou seja, de uma propriedade inerente ao referente do sujeito (capacidade ou habilidade).

A análise favorece também a hipótese de relação de herança entre as construções com LEVAR JEITO, a construção de verbo-suporte e, mais indiretamente, a construção de movimento causado. Muitos dos traços semânticos e formais das construções com LEVAR JEITO são motivados por essa relação, como é o caso da presença do SPrep e a ocorrência

quase categórica de sujeitos animados humanos. Argumentamos, no entanto, que essa relação é parcial, na medida em que em que os papéis semânticos atribuídos ao sujeito e ao SPrep integrantes da construção [[SN LEVAR JEITO SPrep] ↔ ['X tem alguma relação com Y']] configuram uma cena específica.

Evidentemente, as conclusões aqui destacadas têm que ser relativizadas em função do baixo número de ocorrências da construção ao longo de todo o período analisado. A expansão do esquema construcional, ou seja, da sua frequência *type* não é acompanhada de um aumento na sua frequência *token*, sinalizando que nem todas as mudanças acarretam, necessariamente, o aumento de frequência de uma determinada forma linguística. A consideração de outras amostras poderá trazer novas evidências que permitam uma verificação mais controlada da formação do esquema construcional focalizado e da sua possível integração em uma rede mais ampla de construções modalizadoras.

Referências

BARÖDAL J.; GILDEA, S. Epistemological context, basic assumptions and historical implications. In: BARÖDAL, J. *et all (eds). Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015, p. 1-50.

BORBA, F. S. Dicionário grammatical de verbos do português do português contemporâneo do Brasil. São José do Rio Preto: Editora da UNESP, 1997.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B., JANDA, R. (Org.). *A handbook of historical linguistics*. Malden, MA: Blackweel Publishing, 2003.

BYBEE, J. From usage to grammar: The mind's response to repetition. *Language*, Washington, DC: Linguistic Society of America, v. 82, n. 4, p. 711-733, 2006.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge. Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CROFT, W. (2001). *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. J, 2006. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s.*, 2006. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/>. (último acesso em 07.01.2019).

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, E; DIVJAK, D. (eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015, p 295-321.

FAMILY, N. Explorations of Semantic Space: The Case of Light Verb Constructions in Persian". Paris:EHESP, 2006. Tese de doutorado da École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris,

2006.

_____. Mapping semantic spaces: A constructionist account of the “light verb” *xordæn* ‘eat’ in Persian. In: VANHOVE, M (ed). *From Polysemy to Semantic Change: Towards a typology of lexical semantic associations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008, p. 139-161.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. “Constructions: a new theoretical approach to language”. In: *Trends in Cognitive Sciences* 7.5, p. 219–224, 2003.

_____. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. Constructionist approaches. In HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.), *The Oxford handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p 15–31.

GREGERSEN, S. Some (critical) questions for diachronic construction grammar. *Folia Linguistica Historica*, v. 39, p. 341–360, 2018.

HALLIDAY, M. K. A. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold. 1994.

HALLIDAY, M. K. A. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold. 2004.

HENGEVELD, K. Mood and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (eds.). *Morphology: a handbook on inflection and word formation*. v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 1190-1202.

HILPERT, M. Three open questions in Diachronic Construction Grammar. In: COUSSÉ, E.; ANDERSSON, P.; OLOFSSON, J. *Grammaticalization meets Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018, p. 21-39,

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. Variation, change and constructions in English. *Cognitive Linguistics*, 22, 1, p. 1-23, 2011.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, M. M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

KEMMER, S.; BARLOW, M. Introduction: a usage-based conception of language. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. *Usage Based Models of Language*. Stanford: CSLI Publications, 2000, p. 7-28.

LABOV, W. *Principles of linguistic change; internal factors*. Malden, Massachusetts: Blackwell.

LANGACKER, R. Space Grammar, analysability, and the English Passive. *Language*, 58, 1, p. 22-80, 1982.

_____. A usage-based model. In: RUDZKA-OSTYN, B. (ed.). *Topics in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 127-163.

_____. A dynamic usage-based model. In: Barlow, M. Kemmer, S. (eds.), *Usage-based Models of Language*. Stanford: CSLI Publications, 2000, p. 1-63.

_____. *Cognitive linguistics: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008

PAZ E SILVA, L. V. *Predicações com o verbo levar aspectos relativos à multifuncionalidade e gramaticalização*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

PERINI, M. A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (orgs.). *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural, a sair.

RAPOSO, E. P. Estrutura semântica da frase. In: RAPOSO, E. P. et al. *Gramática do Português – Vol. 1*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 368-381.

SMARSARO, A.; E RODRIGUES, V. V. Verbos-suporte dar/levar: um caso de gramaticalização? *Letrônica*, v.8, p. 359-375, 2015.

SMARSARO, A.; PACHECO, W. L. Descrição sintático-semântica do verbo levar para o processamento automático de linguagem natural (PLN). *Contextos linguísticos*, v.8, p. 42-52, 2014.

STEIN, A, C, M; ROCHA, L.H. P. Estudo do verbo ‘levar’ em anúncios publicitários. *Almanaque CIFEFIL*, v. XVI, p. 593-602, 2012.

TOMASELLO, M. *The cultural origins of human cognition*. Cambridge: MA. Harvard University Press, 1999.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. 2002. *Regularity In Semantic Change*. (Cambridge Studies in Linguistics 97.) Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, A. T. de. (org.). *História do Português Paulista. vol. 1*. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009, p. 91-101.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: OUP, 2013.

TRAUGOTT, E. Toward a coherent account of grammatical constructionalization. In:, BARÖDAL, J. et al. (Ed.). *Diachronic construction grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2015. p. 51-80.

VILELA, M.; KOCH, I. V. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2 , p. 168-187, 2019.